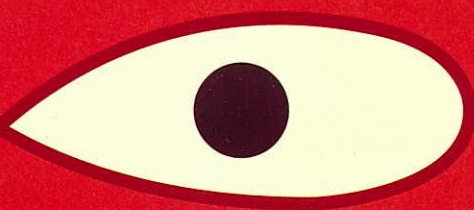


COLÓQUIO INTERNACIONAL  
PORTO 1996

ALMADA NEGREIROS  
A DESCOBERTA COMO NECESSIDADE



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA



# **ALMADA NEGREIROS**

## **A DESCOBERTA COMO NECESSIDADE**

**ACTAS**  
**DO COLÓQUIO INTERNACIONAL**  
*Porto, 12, 13 e 14 de Dezembro de 1996*

**COORDENAÇÃO**  
**CELINA SILVA**



**FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA**

FILOMENA AGUIAR DE VASCONCELOS

*Universidade do Porto*

## SENTIDOS DE PRESENÇA N'A *INVENÇÃO DO DIA CLARO* DE ALMADA NEGREIROS\*

«(...) O meu anjo da guarda está sempre a dizer-me: De que estás à espera? Vá anda! Começa já! Começa já a cuidar da tua presença. Não sei o que o meu anjo da guarda quer que eu adivinhe em tais palavras (...).»

II. A Viagem ou O que não se pode prever. «Confidências»

ALMADA NEGREIROS

A leitura deste excerto d'*A Invenção do Dia Claro* de Almada Negreiros permite destacar três termos de sentido na análise do conceito de **presença**: «presença», pela qual o sujeito emerge e acede ao conhecimento; «presença», no sentido ontológico de *Λογος*; e, por último, a significação dramático-teatral de «presença», na articulação de síntese dos termos anteriores. A exposição que se segue parte do pressuposto analítico acima esquematizado, detendo-se exclusivamente no confronto dialéctico dos assim identificados sentidos de «presença».

Nesta ordem de ideias, *A Invenção do Dia Claro* explicita um sentido subjectivo de presença, aludindo à identidade do eu como figura emergente no espaço e no tempo da sua existência. Este contexto presencial do sujeito no mundo e na história do seu destino articula-se entre a determinação dos enunciados — o «dizer» — e o impasse que antecede a necessidade do «começo». Entrar em movi-

mento, por parte do sujeito, dispor-se a cumprir a ordem enunciada e, deste modo, emergir como presença existencial, é alegorizado no texto pelo monólogo dramatizado do eu com seu anjo da guarda: «Começa já a cuidar da tua presença. Não sei o que o meu anjo da guarda quer que eu adivinhe em tais palavras».

Assim, ao sentido epistemológico de presença nos fragmentos textuais *A Invenção do Dia Claro* associa-se implicitamente o pensamento ontológico do Λογος, na articulação tradicional dos conceitos de «ser»-«pensamento»-«representação». O logocentrismo ocidental tem, contudo, subsistido na articulação, quase sempre dicotómica, entre duas posições epistemologicamente distintas: uma de natureza materialista, a outra, idealista. Em Almada, todavia, parece-me mais ajustado falar de uma articulação poeticamente sintética de ambas.

Assim, por um lado, a tradição socrática e platónica, na qual se referenciam os neoplatonismos de Plotino e S.<sup>to</sup> Agostinho, bem como os idealismos da metafísica humanista, considera a identidade de ser e pensamento como a «presença» ideal, supra-sensível, porque transcendente, por oposição às presenças «inferiores» da representação, dados empíricos dos sentidos. Muito significativamente, Λογος, em Platão, não designa o sentido de verdade identificado com Ideia, mas a verdade da visão humana «no limite do cognoscível», algo que a epistemologia platónica traduz como a verdade da enunciação<sup>1</sup>.

Por outro lado, há ainda a considerar a influência anterior da tradição pré-socrática, sobretudo em filósofos como Parménides e Heraclito, segundo a qual o sentido de «presença» concilia a identidade do ser como pensamento e representação<sup>2</sup>. É enquanto «presença» que o ser, a dicotomia infinita entre *essentia/existentia*, é também designado em grego por Φυσις e Λογος. A dissertação aristotélica sobre o conceito de *Physis*, no tratado da *Física* (B), remete para a ontologia pré-socrática do *Logos*, o qual surge como fundador original do dizer mítico que predispõe à poesia<sup>3</sup>. Ao considerar-se o modo de ser do pensamento na enunciação no *Poema Didáctico* de Parménides, num passo do frag. VIII<sup>4</sup>, torna-se clara a ligação, no sentido proposto de «presença», dos conceitos de ser e pensamento, pensamento e existente, ser e existente:

«O pensamento e aquilo pelo qual o pensamento é, são uma e a mesma coisa. Porque sem o existente, no qual o pensamento se enuncia, não encontrarás o Pensamento, porque não há nada e não haverá nada para além do existente. Este é o Pensamento principal. O Pensamento produz-se; e aquilo que é produzido é um pensamento. O pensamento é deste modo idêntico ao ser; porque não há nada fora do Ser, esta a grande afirmação.» (trad. W. Kranz)

Enunciar, no texto de Parménides, equaciona-se com o **dizer** do texto de Almada. Enunciar é dizer, enquanto dizer é o ser da linguagem, a palavra que diz, fazendo aparecer as coisas, revelando-as como inícios, projectando-as num caminho, que corresponde ao seu destino de signo histórico e transitivo sobre a Terra: «Vá anda! Começa já! Começa já a cuidar a tua presença.» Assim definido como enunciado de presença, este dizer das coisas, na acepção do *Λογος* heraclitiano, não se identifica com o falar sobre as coisas, enquanto sistema de designação e significação emitido para transmitir informação. O dizer do «anjo da guarda» é o dizer mítico que a antiga Grécia fazia enunciar pelos deuses, o dizer da revelação oracular que Parménides personifica abstractamente na deusa inspiradora do seu poema, *Αληθεια*. De resto, atendendo à composição etimológica da palavra *alétheia* ( $\alpha + ληθη$ ), designando o prefixo «a» uma negação por superação do esquecimento, «lethe», poder-se-á reflectir sobre a função dinamizante do dizer mítico da deusa de Parménides, repetido intransitivamente no dizer do anjo da guarda de Almada. Ao questionar-se sobre a espera daquele que permaneceu inerte no esquecimento de si e do mundo — «De que estás à espera?» — o dizer do anjo, o dizer do *Logos*, que é o dizer em poema de Parménides, instaura-se no sujeito como desejo imenso de reagir contra o esquecimento do início original e emergir à luz solar, no começo da invenção de si: «Começa já a cuidar a tua presença.»

O começo da invenção de si como presença no dia do seu destino humano identifica-se, pois, com o momento da memória, pela qual o sentido de presença adquire a densidade mítica que substancializa o destino dos homens na história, na dimensão ontológica que lhe confere realidade. É então que, ao inventar o dia claro, o eu confia à Mãe passos da sua história, que são leituras de outros livros — como o do Antigo Testamento — repetições infini-

tas do mesmo livro, do mesmo quadro, das oleografias que retratam sempre um homem, uma mulher, um menino:

«Mãe! eu não sei nada! Eu não me lembro de nada!

Ah! lembro-me! Lembro-me de ter ajudado a levar as pedras para as pirâmides do Egipto! Também me lembro de me ter chamado José, antigamente, com meus irmãos e uma mulher!

Mãe!

Estou a lembrar-me! Tu já foste a menina loira! Eu já fui o menino verdadeiro a quem tu davas de mamar! Eu já estive contigo na terceira oleografia! Lembro-me exactamente! Quando tu me beijavas, o Sol não doía tanto na minha pele!»

«Confidências» I: *Andaimas e Vésperas*

Assim, em Almada Negreiros, n'*A Invenção do Dia Claro*, o continuado esforço do sujeito no sentido do seu conhecimento como presença ontologicamente «destinada» sobre o mundo, remete para o sentido de presença dramático-teatral do *μυθος* que referencia a tragédia clássica grega: o *mythos* aristotélico é um dizer que em si desdobra, mostra uma acção, através do dizer poético da obra trágica, o qual se produz necessariamente como palavra encenada em palco, ou seja, a presença que se faz representar, literalmente, em espectáculo: «*As palavras dançam nos olhos das pessoas conforme o palco dos olhos de cada um.*» (I. «As Palavras»).

É assim que, no texto de Almada, o sujeito só se identifica no reconhecimento do universo, ao constatar a natureza teatral de todo o modo de conhecimento: «*Foi precisamente nesse dia inolvidável que eu soube que tudo o que há no universo podia ser visto com os dois olhos que estão na nossa própria cara.*» No entendimento indispensável a todos os «começos», o monólogo dramático entre o homem que hesita e o anjo da guarda reflecte-se heteronimamente no monólogo dramático entre as alegorizações abstractas da Mãe e do Filho, exprimindo a teatralidade intrínseca do conhecer — um compromisso, pela metade, entre a enunciação e o pensamento das coisas e de si próprio: «*Mãe! dize essa metade que tu sabes do que é necessário saber, dize essa metade que tu sabes tão bem! para eu pensar na outra metade (...).*»

N'*A Invenção do Dia Claro*, dizer só é presença real do ser que configura o homem no mundo, ao revelar-se na palavra entendida em jeito de hieróglifo, como um sinal originalmente gravado na

pedra, «para medir a luz dentro das pessoas» (I. «História das Palavras»). Assim, inventar o dia claro é encontrar os sinais, as palavras que medem a luz dentro das pessoas, para ver «as coisas do ar que havia, as coisas que estavam focadas com o ar de hoje». (II. «Confidências»).

Só nesta perspetivação da natureza da palavra poética, como o dizer do *Logos*, que pode prefigurar-se no hieróglifo da cultura faraónica, é que pode ler-se *A Invenção do Dia Claro*, na fragmentaridade de um monólogo que constantemente se dramatiza — *Quando digo Eu não me refiro apenas a mim mas a todo aquele que couber dentro do jeito em que está empregado o verbo na primeira pessoa*. «Empregar o verbo na primeira pessoa» identifica simultaneamente o *Logos* pré-socrático e aristotélico, no fundamento de todos os enunciados da existência, bem como o *Logos* platónico como o limite subjectivo do conhecimento existencial. Na abertura da luz do palco da Terra em que se encena o destino humano, a presença solar do Universo é o fundo simultaneamente geracional e ontológico da Mãe, contido no peito daquele que vagueou por longe e acabou por chegar a si: «*Todas as coisas do universo aonde, por tanto tempo, me procurei, são as mesmas que encontrei dentro do peito no fim da viagem que fiz pelo universo.*» (III. «Confidências»).

Entenda-se, pois, «presença» no texto de Almada enquanto a emergência, no espaço aberto da luz solar, do dizer mítico que irrompe pela inércia de todos os começos, inventando a memória todos os lugares e tempos esquecidos. O dizer do anjo da guarda é, em Parménides, o dizer da deusa Alétheia, o dizer trágico do *mythos* grego que, ao inventar o dia claro, Almada faz enunciar na imagem do Cristo de pedra na encruzilhada:

«Em vez de ter morrido numa cruz, por ti, antes tivesse pegado na lança que me abriu o peito, para com ela te rasgar os olhos da cara. Para deixar entrar claridade para dentro de ti pelos buracos dos teus olhos rasgados.»

I. «Uma Cruz na Encruzilhada»

Em *A Invenção do Dia Claro*, presença não é somente uma instância subjectiva do existir, mas a remissão do sujeito ao sentido pré-socrático de *physis*, permitindo-lhe confrontar-se, na sua frag-

mentaridade, com a naturalidade familiar dos objectos que, pela simples razão de o serem, lhe reenviam, reconstituída, a imagem possível da sua identidade no mundo: *“Eu quero ser qualquer coisa da nossa casa. Como a mesa. Eu também quero ter um feitio que sirva exactamente para a nossa casa, como a mesa.”* (I. «Confidências»).

Assumir uma presença que se inventa a cada instante como claridade do dia é simplesmente escutar o dizer do anjo e, no ensejo de começar, permanecer na dúvida: *«Não sei o que o meu anjo da guarda quer que eu adivinhe em tais palavras.»* Ser presença inventada no mundo é aperceber-me de que «a minha vez» se situa no ponto de diferença entre os sentidos das coisas que se dizem e daquelas que permanecem silentes, num momento intransitivo de puro escutar: *«Écoute d’un discours qui est investi par le désir, et qui se croit — pour la plus grande exaltation ou la plus grande angoisse — chargé de terribles pouvoirs.»*<sup>5</sup> O discurso escutado, «investido pelo desejo», de que fala Foucault, surge em Almada como o «meu instinto à espera da minha vontade», pelo qual eu sou apenas a dimensão presente de tudo o que ignoradamente sei:

*«Escuto estes desenhos como a um homem do campo que diz, sem querer, coisas mais importantes do que está a contar, e põe tudo isso à mostra sem dar por isso. Através destes desenhos sigo grafologicamente o meu instinto à espera da minha vontade, — a minha querida ignorância a aquecer ao sol e a transformar-se na minha vez cá na terra.»*

*«A Minha vez»*

## NOTAS

\* O texto deste ensaio foi elaborado com base na comunicação proferida pela autora, no âmbito do Colóquio Internacional de Almada Negreiros (12-14 Dez. 1996). Por este motivo, justifica-se o esquematismo deliberado com que foram abordadas questões que, pela sua natureza, subentendem uma maior densidade e problematização dos dados em reflexão. Todas as citações do texto de Almada Negreiros, *A Invenção do Dia Claro*, devem reportar-se à edição da Olisipo (Lisboa, 1921).

<sup>1</sup> PLATÃO — *República*, p. 517b.

<sup>2</sup> Tal como esta se pode ver reflectida na 2.<sup>a</sup> epígrafe do texto de Almada, através de uma citação de Hermes Trimegisto: «O pequeno é como o grande —



O que está em cima é análogo ao que está em baixo — o interior é como o exterior das coisas — Tudo está em tudo.»

<sup>3</sup> A meu ver, a diferença do conceito de *Logos* nas epistemologias de Platão e de Aristóteles permite a este último estabelecer um conceito autónomo de poesia, enquanto arte mimética, relativamente à metafísica e à moral.

<sup>4</sup> PARMÉNIDES — *Poema Didáctico*, frag. VIII, pp. 34-41.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel — *L'Ordre du Discours*. Paris: Gallimard, 1971, 15.